

A imagem de São Paulo como terra de estrangeiros circula em diferentes registros: no senso comum, nas artes e na bibliografia histórico-sociológica. Isso se relaciona diretamente às levadas de migrantes que aqui aportaram entre o final do século XIX e as primeiras décadas do século XX, alterando a fisionomia física e social da cidade, que se torna incompreensível, a partir de então, sem esses personagens. Trabalhadores fabris e artesãos; empresários, artistas e profissionais liberais – que se fixam ou passam pela cidade – deixam suas marcas na linguagem, nos hábitos e sociabilidade locais, bem como nas construções, na arquitetura, nas artes e na produção do conhecimento de modo mais geral.¹

O objetivo aqui é tentar uma aproximação desse cenário mais amplo, com a ajuda de um acesso específico. Trata-se de olhar para São Paulo nas primeiras décadas do século XX a partir de três experiências: as de Claude Lévi-Strauss (1908), Roger Bastide (1898-1974) e Pierre Monbeig (1908-1987), professores da Universidade de São

* Fernanda Arêas Peixoto é professora do Departamento de Antropologia da USP e autora de *Diálogos brasileiros: uma análise da obra de Roger Bastide* (2000).

1. A reflexão aqui esboçada vem sendo realizada no interior de um projeto mais amplo intitulado “São Paulo: os estrangeiros e a construção da cidade” (Fapesp), do qual faço parte ao lado de Ana Lanna (coordenadora do trabalho), Cristina Leme, José Lira, Fernanda Fernandes, Maria Ruth Sampaio, Paulo Garcez, Sarah Feldman e Solange Lima. Nesse sentido, o texto é devedor do trabalho e discussões da equipe, da qual fazem parte ainda bolsistas de iniciação científica, mestrado, doutorado e pós-doutorado.

Paulo, que viveram e circularam pela cidade nos anos 1930 e 1940. Em outras palavras, o meu intuito é tentar localizar as perspectivas de cada um deles sobre a cidade, que se revela – por meio dessas miradas estrangeiras – de novos ângulos.

Sem pretender recuperar o conjunto de suas experiências e obras brasileiras, gostaria apenas de lembrar que Lévi-Strauss, Bastide e Monbeig integram a primeira leva de professores da chamada “missão francesa”, que deu início às atividades docentes na USP. O primeiro, jovem filósofo e professor de liceu, chega à cidade em 1935, para ocupar a cadeira de sociologia, na qual é substituído em 1938, por Roger Bastide, também professor do ensino secundário,² e que permanece no país até 1954. Monbeig, encarregado do ensino de geografia, substitui Pierre Deffontaines em 1935, retornando à França apenas em 1946. Apesar das formações diferentes e das distintas experiências no país, é possível dizer que os três foram tocados, cada qual ao seu modo, pelo período passado no Brasil. Lévi-Strauss realiza aqui suas primeiras pesquisas de campo, sistematiza leituras e teorias, deixando o país como etnólogo e americanista, de enorme reconhecimento posterior.³ Bastide, por sua vez, constrói uma ampla obra sociológica e antropológica sobre o país, que passa a constituir sua principal especialidade. Monbeig, de modo semelhante, consolida a sua produção no período brasileiro, formando uma geração de pesquisadores no terreno da geografia humana e social, e transformando-se em *brasilianista* renomado.

Os três professores residiram em São Paulo. Na cidade transitaram, conviveram com os alunos, fizeram amigos, publicaram em diver-

2. Ao contrário de Lévi-Strauss, que escreve seus primeiros artigos durante o período brasileiro, Bastide é colaborador de diversas revistas francesas nos anos 1920 e 1930, e autor de dois livros, *Les problèmes de la vie mystique* (1931) e *Éléments de sociologie religieuse* (1935). Sobre o período e a obra brasileira de Bastide, cf., entre outros, Maria Isaura P. de Queiroz, “Nostalgia do outro e do alhures: a obra sociológica de Roger Bastide”, em *Roger Bastide* (São Paulo, Ática, 1983), e Fernanda Peixoto, *Diálogos brasileiros: uma análise da obra de Roger Bastide* (Edusp/Fapesp, 2000).

3. Sobre o assunto, ver, entre outros, Fernanda Peixoto, “Lévi-Strauss e o Brasil: a formação do etnólogo”, *Mana – Estudos de Antropologia Social* 4 (1) (Rio de Janeiro: Museu Nacional/UFRJ, 1998), e Luisa Valentini, “Mário de Andrade, Dina Lévi-Strauss e Claude Lévi-Strauss: etnografia no entreguerras”, em Relatório final de Iniciação Científica, F111C/CNPq, Departamento de Antropologia da USP, 2006, mimeo. Para uma discussão das questões que informam a obra americanista do autor, cf. Renato Sztutman, “Lévi-Strauss e o desafio americanista”, em *Novos Estudos*, n° 61 (São Paulo: Cebrap, 2002).

soz jornais e revistas, freqüentaram diferentes círculos e instituições. Vários deles mencionam as relações próximas com Julio de Mesquita Filho, que os recebia na redação do jornal *O Estado de S. Paulo* e na sua residência da rua Maranhão.⁴ Alguns espaços tornam-se pontos de encontro do período, lembra Monbeig: “Podia-se encontrar os professores franceses na hora do chá, no antigo Mappin, na praça Patriarca, e mais tarde na confeitaria Vienense, na rua Barão de Itapetininga”.⁵

No centro e também nos arrabaldes da cidade realizaram pesquisas, em geral com colegas e estudantes, que alimentaram reflexões e escritos sobre distintas feições e aspectos da paisagem e vida urbana. As deambulações por São Paulo estão na origem não apenas de trabalhos acadêmicos, mas também de impressões, anotações e registros fotográficos que deixaram sobre o período.

Recuperar parte da experiência desses três personagens em São Paulo, bem como a produção variada que deixaram sobre a cidade, permite iluminar novos traços desses perfis, pensando como a experiência paulistana se imprime neles, de modos mais ou menos evidentes. O exercício abre espaço também para uma avaliação mais detida de suas contribuições para a compreensão dessa paisagem urbana e social específica, em um momento determinado. Em suma, o exame comparado dos exemplos de Lévi-Strauss, Bastide e Monbeig permite o esboço de três modalidades de relação com a cidade e de três feitos de produção sobre ela que gostaria de examinar rapidamente.

LÉVI-STRAUSS: UM PONTO DE VISTA SOBRE A CIDADE

Dos registros deixados por Lévi-Strauss sobre o seu período brasileiro (1935-1938), fica claro que a cidade não constituiu seu objeto privilegiado de atenção. Seu interesse primeiro, como sabido, era a realização de pesquisa de campo entre as sociedades indígenas brasileiras. Mas se ele não empreende uma investigação sistemática sobre a cidade, não se pode dizer que o espaço, a vida urbana e seus persona-

4. Lembro que o grupo de *O Estado de S. Paulo* – e no seu interior, Julio de Mesquita Filho – é um dos principais responsáveis pela criação da Universidade de São Paulo. Sobre o assunto, cf. Irene Cardoso, em *A universidade da comunhão paulista* (São Paulo: Cortez, 1982).

5. Entrevista concedida a Gilles Lapouge, “Viagem à memória da USP”, em *Jornal da Tarde*, 11-02-1984.

gens tenham escapado ao seu olhar como intérprete e analista, como indicam alguns escritos e suas fotografias; olhar que, se exercitado de modo mais sistemático, talvez pudesse (quem sabe) ter inaugurado uma vertente de estudos urbanos entre nós.⁶

O conhecimento da cidade nasce de longos passeios à pé e da contemplação desse “objeto particular” que é São Paulo a seus olhos: “Imensa desordem em que se misturavam numa confusão aparente igrejas e prédios públicos da época colonial, casebres, edifícios do século XIX e outros, contemporâneos, cuja raça vigorosa tomava progressivamente a dianteira”.⁷ O caos urbano, a decadência precoce das cidades americanas, assim como as observações sobre a elite paulista – “flora despreocupada e mais exótica do que julgava”⁸ – são observadas e anotadas criticamente por Lévi-Strauss vinte anos depois da experiência brasileira, em *Tristes trópicos* (1955). Mas o tom ácido da crítica – etnocêntrica, dirão alguns de seus leitores – deixa espaço para uma nota de afeto e de aposta no país em formação do ponto de vista intelectual (a referência aos alunos nessas páginas é prova disso) e de um olhar melancólico lançado sobre a Europa. A experiência brasileira ensinou-lhe, entre outras coisas, “a precariedade das vantagens conferidas pelo tempo”.⁹

A cidade percorrida e desvendada em passeios vários é também terreno para as “etnografias de domingo”; é nela que os alunos se iniciam no exercício etnográfico, nas descrições da “rua onde moravam”, do “mercado” ou do “cruzamento mais próximo”, e na realização de observações e de descrições da “repetição no espaço dos tipos de habitação, das categorias sociais e econômicas, das atividades profissionais etc.”.¹⁰

6. A observação é de José G. C. Magnani, que passo a reproduzir: “Ainda que tais notas (sobre as cidades) não tenham vindo a fundar uma linha de reflexão mais sistemática sobre o tema, diferentemente do que ocorreu com seus *insights* a respeito dos Caduveo, Bororo e Nhamibiquara, merecem destaque pela agudeza das percepções, pela trama dos contrapontos, pelo alcance do olhar; trata-se de fino exercício que, fossem outras as circunstâncias, talvez tivesse dado início a alguma fecunda linhagem de estudos urbanos”. “A cidade de Tristes trópicos”, em *Revista de Antropologia* 42 (1-2) (São Paulo: USP, 1999).

7. Claude Lévi-Strauss, prefácio a *Saudades de São Paulo*, trad. Paulo Neves (São Paulo: Instituto Moreira Salles, Companhia das Letras, 1996), p. 17.

8. *Tristes trópicos*, trad. Wilson Martins, revista pelo autor (São Paulo: Anhembi, 1957), p. 101.

9. *Ibid.*, p. 106.

10. *Ibid.*, p. 14.

Não apenas em *Tristes trópicos*, mas também em *Saudades do Brasil* (1994), em *Saudades de São Paulo* (1996) e em diversas entrevistas, Lévi-Strauss reafirma a importância da cidade para o ensino de antropologia, lembrando as incursões feitas com os alunos por São Paulo, o interesse pela vida cotidiana, pelos imigrantes e pela cultura popular. A cidade também foi palco de pesquisas de cunho histórico, lembra Décio de Almeida Prado, um de seus estudantes: “Um dos primeiros trabalhos que nos deu foi proceder a uma análise social da cidade de São Paulo por volta de 1830, tal como aparece nos documentos da época, que ele identificou quais eram e onde estariam”.¹¹

Os arredores e o interior do estado, por sua vez, constituem um terreno fértil para a observação e a pesquisa sobre folclore, assim como para a análise das transformações de tradições, de paisagens naturais e urbanas. Viagens mais ao sul, por sua vez, permitem que ele acompanhe o surgimento de cidades no norte do Paraná, palco das primeiras excursões mais prolongadas.¹²

O interesse de Lévi-Strauss pelo folclore – crenças, festas e superstições – enfatizado na livro de 1955 talvez se relacione ao convívio intenso com Mário de Andrade, no interior do Departamento de Cultura da Municipalidade de São Paulo, sugere Silvana Rubino.¹³ É possível. A instituição, dirigida pelo poeta modernista entre 1935 e 1938, a *Revista do Arquivo Municipal* e fundamentalmente a *Sociedade de etnografia e folclore*, funcionam como espaços fundamentais de atuação de Lévi-Strauss e sobretudo de sua mulher, Dina Lévi-Strauss, responsável por cursos e boletins da Sociedade. A importância conferida à pesquisa etnográfica, assim como a atenção dispensada à dimensão estética e à cultura popular aparecem como fortes afinidades a aproximar Mário, Lévi-Strauss e Dina.¹⁴

11. Décio de Almeida Prado, “Saudades de Lévi-Strauss”, em *Seres, coisas, lugares* (São Paulo: Companhia das Letras, 1997), p.177.

12. Ver *Tristes Trópicos*, cit., capítulos XII e XIII.

13. Silvana Rubino, “Clube de pesquisadores: a Sociedade de Etnografia e Folclore e a Sociedade de Sociologia”, em Sérgio Miceli (org.), *História das ciências sociais no Brasil*, vol. 2 (São Paulo: Sumaré/ Fapesp, 1995).

14. O ponto foi trabalhado por Luisa Valentini em sua iniciação científica “Mário de Andrade, Dina Lévi-Strauss e Claude Lévi-Strauss: etnografia no entreguerras” (2006), cit., e está sendo desenvolvido em sua dissertação de mestrado em andamento.



Não é possível pensar em uma antropologia da cidade em geral ou de São Paulo, em particular, a partir dos registros de Lévi-Strauss. De qualquer modo, não parece difícil perceber um ponto de vista seu lançado sobre as cidades, São Paulo incluída. E esse ponto de vista define-se como visada crítica, que sublinha os processos de degradação acelerada dessas cidades que já nascem "decadentes"; lembremos mais uma vez a célebre observação em *Tristes trópicos* sobre as cidades do Novo Mundo, "que passam diretamente à decrepitude sem se deterem no antigo", e as impressões finais do livro sobre as cidades agigantadas na Índia.

Avenida São João, nos anos de 1930, registrada por Lévi-Strauss. Lévi-Strauss, *Reprodução do livro São Paulo de São Paulo*, Cia. das Letras.

O diagnóstico pessimista dos escritos contrasta com o olhar mais generoso do fotógrafo, indicam as fotografias de São Paulo, reunidas nos volumes já mencionados, *Saudades do Brasil e Saudades de São Paulo*. Aí Lévi-Strauss se detém sobre a diversidade da cena urbana, que ele apreende de ângulos diversos: os primeiros edifícios (o Martinelli se destacando na paisagem); as ricas residências; o centro em processo de modificação; os novos bairros; a deterioração de certas zonas; os burros e carroças competindo com bondes e automóveis. Ao lado do pai – fotógrafo e artista – Lévi-Strauss capta com sua câmera Leica os contrastes marcantes que cortam a cidade da época: “Eu perambulava com frequência por essa região [da Paulista, onde ele morava], fascinado pelos contrastes entre construções muito modernas, avenidas ainda provincianas, colinas quase rústicas e uma parte da cidade que conservava um aspecto de aldeia”.¹⁵

O olhar do fotógrafo não condena nem absolve a cidade, procurando simplesmente conhecê-la. De qualquer modo, desses registros visuais de processos de mudança acelerada emana um sentimento melancólico diante da destruição rápida de paisagens, perceptível também nos escritos.

BASTIDE: A CIDADE VISTA DE ESGUELHA

A cidade de São Paulo tampouco parece ter sido objeto principal de interesse de Roger Bastide como analista. Em seus dezesseis anos brasileiros, Bastide atua intensamente como professor e orientador de pesquisas na universidade, e também como crítico de artes plásticas e de literatura nos principais jornais e revistas brasileiros. Colabora ainda em veículos franceses – como o *Mercur de France* – divulgando a arte e a cultura brasileira.¹⁶ Sua importância como um formador de novas gerações de críticos – como Antonio Candido, Gilda de Mello e Souza e Décio de Almeida Prado – e de sociólogos – Florestan Fernandes, Maria Isaura P. de Queiroz e Fernando Henrique Cardoso – é sublinhada por todos, em mais de uma ocasião.

15. *Saudades de São Paulo*, cit., p. 49.

16. Sobre o assunto, cf. Glória Amaral, “Roger Bastide au Mercur de France”, em *Bastidiana*, nº 10-11, 1995.

social aí observada do que a face material e física das cidades. Não esqueçamos ainda que nos seus estudos sobre o candomblé e a umbanda, os processos de urbanização são fundamentais para o entendimento das novas formas de sociabilidade, da alteração no formato das relações sociais e especificamente das mudanças verificadas nas religiões populares.

Em todos esses textos, que não temos como analisar em detalhe aqui, é possível apreender um ponto de vista no mínimo ambíguo do autor em relação aos processos de modernização (leia-se de urbanização), tal como se verificam entre nós: ora o desenvolvimento das cidades é considerado como um dos fatores responsáveis pela destruição da cultura popular, do folclore e dos laços de sociabilidade tradicional – por exemplo, nas análises do folclore e da macumba paulista –, ora figuram como espaços de redefinição das relações sociais e de padrões culturais, “reinventados” e fortalecidos pelas mesclas e bricolagens observadas entre o “tradicional” e “moderno”.

É importante lembrar ainda que uma reflexão sobre as cidades brasileiras em geral e sobre São Paulo em particular reaparece quando da primeira viagem de Bastide ao Daomé e à Nigéria, em 1958, em companhia de seu amigo Pierre Verger.¹⁸ Diante das cidades africanas que ele visita, dá-se um reencontro com o Brasil, suas festas, religiões e cidades. Em “Abidjan, São Paulo da África Ocidental Francesa”, por exemplo (1958), a comparação entre os dois centros urbanos fornece a tônica do texto: o crescimento acelerado e os problemas urbanos daí decorrentes; a “arquitetura moderna ousada” nos dois centros; semelhanças observadas em certos detalhes, como “na entrada da cidade, diante de uma ponte, uma estátua lembra um pouco a arte de Mário Cravo, o excelente escultor da Bahia”.¹⁹

MONBEIG: A CIDADE ESQUADRINHADA

Pierre Monbeig nos obriga a pensar em outra forma de apreensão da cidade e em outro formato de produção sobre ela. Ao contrário de

18. Sobre esta viagem e as relações de amizade entre Bastide e Verger, cf. Ângela Lünhing, *Verger/ Bastide, dimensões de uma amizade*. Tradução Rejane Janovitzer (Rio de Janeiro, Bertrand Brasil, 2002).

19. *Ibid.*, p. 61.

Na qualidade de intérprete do Brasil, Bastide se interessa fundamentalmente pelo Brasil mágico, religioso, barroco e “africano” que ele persegue nas artes, no folclore e, sobretudo, nas chamadas religiões afro-brasileiras, e que se esboça em obras como *Imagens do nordeste místico em branco e preto* (1945), *Sociologia do folclore brasileiro* (1959), *O candomblé da Bahia* (1960), *As religiões africanas no Brasil* (1960), entre muitas outras.

Quer dizer, se o Brasil que sai da obra de Bastide não parece ser o país moderno e urbano, mas justamente o que escapa e resiste a ele, é possível reinterpretar o “retrato do Brasil” por ele projetado, perseguindo os seus traços menos evidentes, entre eles, as cidades em geral e São Paulo em particular. Talvez não seja exagerado afirmar que a obra de Bastide sobre o Brasil compreende também um diagnóstico, não muito explícito, sobre o Brasil moderno, sobre o urbano e sobre as cidades. Em outras palavras, se as cidades pelas quais ele mais se interessou parecem ter sido as cidades do nordeste brasileiro e as mineiras em função das discussões sobre o barroco, acredito ser possível esboçar uma sociologia urbana, algo na “surdina”, dos escritos de Bastide: isto é, hipóteses e interpretações sobre o espaço físico, sobre a arquitetura, sobre os processos de urbanização e desenvolvimento das cidades, e também sobre as dinâmicas modernizadoras, que têm nas cidades o seu solo principal.

Em meio a sua ampla e variada produção sobre o país, não parece difícil localizar reflexões sobre as cidades, que são objeto de sua atenção em diversos momentos. “Méditations brésiliennes sur un marché à São Paulo” (1938) é um dos seus primeiros textos escritos no país, quando então se detém sobre um espaço e uma atividade social específicas que têm lugar na São Paulo que ele começa a conhecer. Nos anos 1950, as transformações da cidade são discutidas especificamente em dois artigos: “Estética de S. Paulo I – Estrada do Mar... Estrada dos cartazes.” (24 de junho de 1951); “Estética de São Paulo II. A cidade vertical.” (27 de junho de 1951). No primeiro, comenta a invasão dos cartazes publicitários nas estradas, sobretudo na São Paulo-Santos, como uma interferência do mundo e do *design* modernos nos espaços contíguos à metrópole. No segundo, volta-se para a cidade que se verticaliza, definindo novos padrões estéticos e transformando relações familiares. Nesses escritos, nota-se um certo desconforto do

Lévi-Strauss e de Bastide, ele tem a cidade como um de seus focos principais de interesse, sendo responsável pela definição dos contornos de uma geografia urbana entre nós. Não se trata nesse caso nem de um ponto de vista, positivo e/ou negativo, sobre a cidade (Lévi-Strauss), nem de uma “sociologia na surdina” amparada em um olhar de esgueirha (Bastide), mas da perspectiva do especialista, que impõe exame metuculoso da cena urbana, realizado com auxílio de instrumental específico.

Os espaços urbanos são objetos de atenção de Monbeig desde a experiência espanhola anterior (1929-1931), como indica a sua produção dos anos 1930 sobre Madri. Durante o período brasileiro (1935 a 1946), ele escreve uma série de artigos sobre o estado e sobre a cidade de São Paulo, do ponto de vista da população, da paisagem física, das vias de comunicação, etc. Mas são os textos de 1941, “O estudo geográfico das cidades” (redigido em 1940 e publicado originalmente na *Revista do Arquivo Municipal*), o de 1954, “Aspectos geográficos do crescimento da cidade de São Paulo (publicado em *O Estado de São Paulo* e depois no *Boletim Paulista de Geografia*) e sua “tese complementar”, concluída em 1949 e publicada em 1953, “O crescimento da cidade de São Paulo”, os trabalhos que correspondem ao centro de sua reflexão sobre a cidade, e que fornecem os subsídios para o estabelecimento de uma metodologia de investigação em relação ao espaço urbano, que orienta o pensamento dos geógrafos brasileiros por longo período. Cabe observar que as análises que ele empreende sobre a expansão e o crescimento da cidade de São Paulo são inseparáveis de sua própria experiência na cidade; Monbeig é testemunha ocular de um processo que ele descreve e analisa.

Desde sua chegada, é visível o seu interesse pelas questões urbanas, o que o leva a mobilizar os alunos para a realização de monografias sobre diferentes cidades, ancoradas em pesquisa de campo,²⁰ cujos passos são: descrição do quadro natural do sítio e de sua situação; análise da evolução espacial, urbana, demográfica e histórica; análise das funções da cidade e de seu raio de ação. Além disso, enfatiza o valor da representação cartográfica e da comparação de cartas topográficas

20. As monografias têm como objeto as cidades de Franca, Casa Branca, Jaboticabal, Palmital, Poços de Caldas, Santo André e Catanduva, além de um trabalho do próprio Monbeig sobre Marília.



e geológicas. A importância da fotografia para a pesquisa das cidades realizada por Monbeig é notória – lembremos de seu amplo acervo fotográfico – e destacada por todos os seus comentadores.

A compreensão do espaço e dinâmicas urbanas para Monbeig é inseparável do exame das paisagens rurais. Do mesmo modo, a análise das metrópoles – São Paulo, no caso – obriga a consideração de suas zonas de influência, as redes urbanas, que englobam cidades de médio porte. Além disso, do ponto de vista da abordagem mais ampla que orienta a análise, nota-se a combinação da geografia humana com a perspectiva histórica, devedora de sua formação primeira, próxima à geografia humana de Vidal de La Blache e da produção dos *Annales*. A familiaridade com a perspectiva histórica se manifesta também, mostra Paulo Garcez, no intenso diálogo que ele estabelece com os historiadores do meio científico paulista.¹¹

Rua Santana do Paraíso, com o vale do Ireroró, em foto de Lévi-Strauss.

Lévi-Strauss. Reprodução de Henri Sériolles de São Paulo, Cia. das Letras.

¹¹ Paulo Cesar Garcez Martins, "Sobre 'La croissance de la ville de São Paulo', de Pierre Monbeig", em Heliana A. Salgueiro (org), *Pierre Monbeig e a geografia humana brasileira* (São Paulo, Edusp/Fapesp, 2006).

As excursões e pesquisas sobre o terreno são fatos lembrados pelos alunos como valorizados por Monbeig e fundamentais para os estudantes. Aziz Ab'Saber comenta a viagem organizada pelo professor em 1941: "Foi através dessa iniciativa que a turma de 1941 foi introduzida ao conhecimento da paisagem e dos fatos cumulativos constituídos pela história dos grupos humanos e dos processos econômicos sobre o espaço geográfico. Nada de mais importante poderia ter marcado o nosso destino, na escolha de uma ciência para ser cultivada pelo resto de nossas vidas, do que aquela primeira e predestinada excursão sobre o terreno. A iniciativa era de inteira responsabilidade de Monbeig".²²

Além da docência e da pesquisa, em que a geografia urbana tem lugar destacado, o professor teve atuação importante na organização dos geógrafos do país, dirigindo entre 1936 e 1946 a Associação de Geógrafos Brasileiros (A.G.B.), criada por Deffontaines. Participa também ativamente do Conselho Nacional de Geografia, fundado em 1937. Estes todos são elementos fundamentais para a compreensão das relações que estabelece com a cidade, para além dos muros universitários.

Vale lembrar que a geografia urbana e regional, ensinada por Deffontaines e Monbeig na Universidade de São Paulo, pode ser melhor compreendida a partir do contraponto com a sociologia urbana inspirada pelos estudos de ecologia humana da Escola de Chicago, aqui difundidos por Donald Pierson e Samuel Lowrie, com foco nas diferenciações de classe, raça e etnia, mobilidade social.²³ A proposta de Pierson, nos termos de Maurício de A. Abreu, "não contemplava o estudo do meio natural nem buscava a 'alma' da cidade".²⁴

Gostaria de observar que as cidades reaparecem ainda no único livro de Monbeig dedicado ao Brasil, que integra a coleção francesa

22. "Pierre Monbeig: a herança intelectual de um geógrafo", *Estudos Avançados*, 8 (22) (São Paulo, USP, 1994).

23. A atuação de Pierson e Lowrie junto à Escola Livre de Sociologia e Política de São Paulo tem sido examinada por alguns comentadores. Cf. entre outros, Fernando Limongi, "A Escola Livre de Sociologia e Política em São Paulo", em *História das ciências sociais no Brasil*, vol. 1, cit. Os debates entre Monbeig e Pierson estão sendo tratados por Isabela Oliveira em sua tese de doutorado (Antropologia/USP).

24. Aziz Ab'Saber, "Pierre Monbeig e os primórdios da geografia urbana no Brasil", em Heliana A. Salgueiro (org), *Pierre Monbeig e a geografia humana brasileira*, cit.

“Que sais-je”, do ano de 1954.²⁵ Ainda que texto introdutório, com caráter de divulgação, ele revela um conhecimento aprofundado da realidade brasileira e das cidades. Do ponto de vista de uma interpretação mais geral do país, Monbeig endossa aí as teses dualistas dos “dois Brasis”, que defendem ser o país cindido entre duas civilizações: uma moderna, visível no “Brasil das metrópoles” e outra tradicional, sinônimo do “Brasil rural”. Essa interpretação dual, recorrente na imaginação social brasileira desde o século XIX – que toma a forma de oposições campo x cidade, sertão x litoral, rural x urbano, sertão x litoral, entre outras – encontra em Monbeig um atualizador.²⁶

Os três casos aqui rapidamente considerados indicam a importância decisiva dessas presenças francesas para a vida intelectual brasileira. Na universidade, eles foram responsáveis pela formação de novas gerações de pesquisadores e professores. Inauguraram uma tradição de pesquisa metódica sobre as sociedades ameríndias (Lévi-Strauss), sobre a cultura afro-brasileira em suas múltiplas dimensões (Bastide) e sobre as cidades (Monbeig). Os saberes especializados em vários domínios têm, em cada um deles, uma referência. Do ponto de vista mais geral do conhecimento do país, esses professores estrangeiros tiveram papel destacado para parte considerável dos estudantes da universidade paulista em seus primeiros tempos. A frase de Ruy Coelho é emblemática: “O Bastide, como todos os outros professores franceses, nos endereçava ao Brasil”.²⁷

Em relação a São Paulo especificamente, o exame mais detido de suas produções e experiências na cidade – ainda por ser feito – pode revelar surpresas sobre um momento específico dessa paisagem urbana específica, cujas ressonâncias se fazem notar ainda hoje.

25. *O Brasil*, trad. Hélio de Souza e Gisela Stock de Souza (São Paulo: Difel, 1975, 5ª ed.).

26. Sobre o assunto, cf. Nísia Trindade Lima, *Um sertão chamado Brasil* (Rio de Janeiro: Iuperj/Revam, 1999).

27. “Depoimento”, em *Língua e literatura* (São Paulo: USP, 1981-1984).